

Forbes

ESPECIAL SMART CITIES

ESTE SUPLEMENTO COMERCIAL NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADO DA EDIÇÃO 75 DA FORBES PORTUGAL



- OVERVIEW:
O CAMINHO PARA
AS CIDADES
INTELIGENTES
- TECNOLOGIAS
PARA A VIDA
URBANA
- OPINIÕES
& SUGESTÕES

MIGUEL RIBEIRO
FUNDADOR DA PREDIMED

O IMPACTO DAS CONSULTORAS NO DESENVOLVIMENTO DAS CIDADES

Smart cities ou cidades sustentáveis e inteligentes; que conceito queremos em Portugal

Sérgio Chéu, CEO da Smart Vision, apresenta-nos a sua visão sobre o papel das *smart cities* no desenvolvimento sustentável das cidades e das regiões nacionais.

Da minha observação transversal pelo país (continental e insular, litoral e interior, norte e sul), verifico dois segmentos essenciais de municípios; os que, ao longo destes últimos anos, anseiam pela introdução da tecnologia nos seus territórios e os que ainda não iniciaram o processo de incubação na agenda política das questões relacionadas com a transformação digital territorial e de cidadania.

Do grupo de municípios *smart city*, na maioria dos casos, o que tem vindo a ser feito é a adoção de elementos tecnológicos de per se, sem agenda estratégica integrando conceitos e sistemas e, pifiamente, com o intuito *top of mind* de carrear tecnologia para os territórios, em busca do magno objetivo de não ficarem para trás na corrida pela modernidade.

O ponto ventral da discussão será sobre a utilidade desses investimentos quando colocados em perspetiva com o seu concurso para com o desenvolvimento dos territórios e das pessoas e para a sustentabilidade dessas políticas públicas.

Ademais interessa perceber que a transição digital é, em primeiro lugar, endógena (dos sistemas organizacionais internos) e só de-

pois exógena (territórios e população) – maturidade interna para a subsequente gestão da informação territorial e tomada de decisão informada.

Destarte, políticas públicas e territórios que olvidem que o seu principal foco é o desenvolvimento sustentável (deve falar-se em desenvolvimento sempre com atinência à sustentabilidade no mais amplo conceito da visão integrada dos ODS) e que não usem ou apliquem a tecnologia ao serviço exclusivo desse desiderato *strictu sensu* serão cidades e regiões que, a prazo, fracassarão, mesmo que consideradas *smart* pela massificação tecnológica.

Com efeito, a aludida visão tridimensional, desenvolvimento, sustentabilidade e transição digital, deve ser vista em matriz e devidamente hierarquizada: o foco deve incidir insistentemente num desenvolvimento duradouro, socialmente equilibrado, economicamente auspicioso e ambientalmente zelador, usando a tecnologia para servir e fazer o *push* daquele anelo central. A inteligência é um veículo e não um fim por si só.

Por fim, dizer que a inteligência é amplamente desejável e necessária,

mas sempre debaixo de um chapéu estratégico holístico, donde sobressaia o desenvolvimento sustentável territorial e populacional.

